

# ESTUDO EXEGÉTICO DO SIGNIFICADO DO “MANTO TINTO DE SANGUE” EM APOCALIPSE 19:13

---

JOÃO LUIZ MARCON<sup>1</sup>  
MAICON LEON DOS SANTOS LEMOS<sup>2</sup>

**Resumo:** Entre as comunidades cristãs existem duas linhas teológicas que estudam os conceitos de soteriologia e o caráter do juízo de Deus em caminhos opostos: o “universalismo” e o “aniquilacionismo”. Devido à justiça de Deus se tornar impopular em muitos púlpitos, onde a expressão maior da graça é alcançada, o tema da justiça punitiva é pouco apresentado nos dias atuais. Acredita-se que esse tema contradiga o conceito do Cristo bondoso e amoroso que se destaca no Novo Testamento. Para compreender as revelações de Deus no que tange à justiça punitiva de Cristo, este trabalho analisou exegeticamente a expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13. O método utilizado foi Close Reading, em uma abordagem de revisão bibliográfica. O estudo conclui que, nos eventos escatológicos, a expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13 indica o sangue da destruição dos ímpios através do divino Cavaleiro guerreiro que mata a todos com a espada que sai de Sua boca. Essa imagem é tomada do Guerreiro divino que vem de Edom com as vestes manchadas do sangue dos seus adversários em Isaías 63:1-6 e o anjo que ceifa e pisa o lagar em Apocalipse 14:19:20. Metaforicamente, Jesus mergulhará as Suas vestes no sangue dos inimigos do Seu povo, no juízo punitivo de Deus, na segunda vinda de Cristo.

**Palavras-chave:** Vestido; Manto; Tinto; Sangue; Juízo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Doutorando em Teologia (Universidade Adventista del Plata, Argentina). Diretor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: joao.marcon7@gmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia (Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba, PR). Contato: maicon.leonbp@gmail.com.

# EXEGETIVAL STUDY OF THE MEANING OF THE “BLOOD-STAINED CLOAK” IN REVELATION 19:13

**Abstract:** Among Christian communities there are two theological lines that study the concepts of soteriology and the character of God’s judgment in opposite ways. These theological lines are known as “universalism” and “annihilationism.” Because the justice of God has become unpopular in many pulpits, where the greatest expression of grace is reached, few have the daring to pronounce the judgments of God. This theme is believed to contradict the concept of the kind and loving Christ that stands out in the New Testament. To understand God’s revelations regarding the righteousness of Christ, this work exegetically analyzed the expression “robe red with blood” in Revelation 19:13. For this task, the Close Reading method was used in a literature review approach. The result obtained from the study showed that in eschatological events, the expression “cloak dipped in blood” in Revelation 19:13 means the blood of the destruction of the wicked through the divine warrior Knight who kills everyone with the sword that comes out of His mouth. This image is taken of the divine Warrior who comes from Edom with His robes stained with the blood of His adversaries in Isaiah 63:1-6 and the angel who reaps and treads the winepress in Revelation 14:19:20. Metaphorically, Jesus will dip His garments in the blood of His people’s enemies. Such an event will take place in the punitive judgment of God, at the second coming of Christ.

**Keywords:** Dress; Mantle; Red; Blood; Judgment.

## 1. Introdução

Se, por um lado, muitos cristãos são intimidados com a super ênfase na destruição dos ímpios (MOLONEY, 2019), por outro lado, o conceito soteriológico e escatológico universalista afirma que a justiça punitiva de Deus é contrária ao Seu caráter (CHALKE, 2004). Com isso, hoje, em muitos meios cristãos, a justiça de Deus se tornou impopular e considerada sem efeito. Com a ênfase maior na graça, poucos têm a coragem de ensinar nos púlpitos sobre a justiça punitiva de Deus, acreditando que esse tema contradiga o conceito de um Jesus bom e amoroso. Essa influência vem de certas linhas teológicas, entre elas o universalismo, que se propagaram no ambiente cristão, focando apenas em apresentar a graça divina como sendo toda a verdade necessária para a salvação do ser humano. Segundo Douglas e Tenney (2011, p. 434), o “universalismo [...] insiste que Deus é amor e que, em última instância, todas as pessoas receberão a salvação de Deus”.

Tal pensamento pode ser perigoso porque contribui para uma falsa sensação de segurança em relação à salvação, descrevendo que essa seja a única realidade do caráter de Cristo. Além disso, tal conceito teológico traz um viés humanista, que evita identificar as consequências da má escolha humana e sua responsabilidade ética diante de Deus. Também essa teologia é empobrecida e desconfigurada de uma fundamentação mais abrangente da revelação. Bell (2012) afirma que Jesus perdoará a todos, mesmo que eles não queiram ou tenham o desejo de estar no céu e obtenham a salvação.

No entanto, para Ladd (1980), em qualquer lugar do Novo Testamento (NT), o elemento da vitória através do julgamento é um aspecto “inconfundível” da obra total de Cristo. Quando se entende o contexto da justiça salvífica e punitiva, percebe-se, em sua totalidade, o caráter de Deus e a manifestação plena do Seu amor. Somente Jesus é capaz de harmonizar de maneira tão

profunda a punição e a misericórdia, demonstrando que a Divindade está operando tanto a graça quanto a justiça punitiva (DALE, 2013).

Tendo em vista as declarações de Ladd (1980) e Dale (2013), sem perder a perspectiva do caráter amoroso de Deus, Apocalipse 19:13 indica que o Cavaleiro “Fiel e Verdadeiro” julga e peleja com justiça, vestido com um “manto tinto de sangue”. Essa expressão apresenta um sentido de vitória, ou de justiça vindicativa, ou ainda, de justiça punitiva.

Contudo, a imagem de Jesus mergulhando as Suas vestes no sangue dos ímpios incomoda alguns expoentes que terminam posicionando-se em outras propostas de interpretação. Para Prigent (1993), a sugestão de o manto estar mergulhado no sangue é devido ao soldado que perfurou o lado de Cristo e o Seu sangue se espalhou na Terra, eliminando a possibilidade de que seja o sangue dos ímpios.

Diante de possibilidades de interpretações e significados do texto, faz-se necessária a seguinte pergunta problema: qual é o significado da expressão “manto tinto de sangue” dentro do contexto de Apocalipse 19:13? O objetivo deste artigo é analisar o significado da expressão “manto tinto de sangue” nessa passagem. A escolha de tal problemática tem como relevância o estudo da justiça relacionada à ira de Deus, principalmente no livro de Apocalipse. Este artigo se delimita na expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13 e sua relação com a justiça punitiva de Cristo dentro do seu contexto do livro e dos seus antecedentes no Antigo Testamento (AT).

A pesquisa se dá em uma abordagem do *Close Reading* e revisão bibliográfica de fontes primárias e secundárias. Sendo assim, ela está dividida em cinco partes: 1) texto e perícopes da passagem em estudo; 2) contexto histórico; 3) contexto literário da passagem; 4) análise léxico-sintática do texto e o contexto de Apocalipse 19:13; 5) teologia da expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13.

## 2. Texto

O texto em análise na língua grega aparece da seguinte forma: “καὶ περιβεβλημένος ἱμάτιον βεβαμμένον αἵματι, καὶ κέκληται τὸ ὄνομα αὐτοῦ ὁ λόγος τοῦ θεοῦ” (Ap 19:13 BNT).

Tem-se, a seguir, as traduções para as línguas inglesa e portuguesa:

“And He was clothed with a vesture dipped in blood: and His name is called The Word of God” (Ap 19:13, KJV).

“Está vestido com um manto tinto de sangue, e o Seu nome se chama o Verbo de Deus” (Ap 19:13 ARA).

“Estava vestido com um manto embebido em sangue e o Seu nome é Palavra de Deus” (Apocalipse 19:13, SBP).

Quanto às variantes textuais, segundo Aland, Black, Martini, Metzger e Wikgren (1994), encontram-se duas variantes em Apocalipse 19:13. A primeira está relacionada à palavra βεβαμμένον (*bebammenon* = mergulhar), apresentando seis alterações em manuscritos depois do século X. O verbo βεβαμμένον possui variante na sua preposição, e, segundo Press (2003), a leitura com maior probabilidade de ser o texto original é “mergulhado” ou “encharcado”. Essas variantes apresentam-se nos manuscritos A, 051 Ū, P, 2329, 1006, 1841, 2053 e 2062. Outra palavra é καλεῖται (*kaleitai* = chamar), que contém apenas uma alteração em manuscritos posteriores ao século X. Essas variantes não apresentam sérias alterações à compreensão e propósito deste estudo.

A perícopes está delimitada no contexto da volta de Jesus. Maxwell (2002) entende que o contexto macro, ou grande bloco, abrange todo o cenário do retorno de Cristo e as circunstâncias relacionadas com a cidade santa de Apocalipse 19:11-21:8. Essa mesma divisão

é denominada por Aune (1998, p. 1040) como “A derrota final do restante dos inimigos de Deus”. O mesmo autor chama a perícopes do texto em estudo de “O Guerreiro divino e Suas conquistas” e envolve o capítulo 19:11-21.

Os elementos de unidade da perícopes são observados a seguir: 1) o tema da própria perícopes, que se desenvolve com Cristo e Seu exército como vencedor da besta, do falso profeta e de seus exércitos, caracterizando uma cena de guerra; 2) o uso do verbo εἶδον (*eidon* = ver), que aparece três vezes na perícopes. Em cada uma delas há um desdobramento do enredo da guerra de Cristo contra as hordas do mal. João faz uma descrição de Cristo como Comandante, seguido por Seu exército (v. 11-16). Depois, o profeta vê um anjo anunciar o convite para as aves do céu virem para o banquete dos exércitos da besta e do falso profeta (v. 17-18). Por fim, João vê como se dá a batalha e o resultado com a morte dos exércitos ímpios pela espada da boca de Cristo e as aves se fartando de suas carnes (vs. 19-21).

Os elementos de divisão que antecedem a perícopes têm como o tema o júbilo no céu pela vitória de Deus sobre Babilônia, sua queda final e convite para fazer parte das bodas do Cordeiro (Ap 19:1-9). João fica impressionado com o anjo que traz a explicação e se prostra para adorá-lo (Ap 19:10a). O anjo diz que ele não deve fazê-lo porque só Deus deve ser adorado (Ap 19:10b). A última parte do último verso da perícopes anterior diz que “o testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap 19:10). Logo, no capítulo 19:11-21, há uma mudança de tema para a guerra entre Cristo e os exércitos do mal.

O capítulo 20 é introduzido com a frase: “Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente” (v. 1). O tema do capítulo é o aprisionamento de Satanás durante mil anos (v. 1-3), o julgamento feito pelos justos durante esse período (v. 4-6), seguindo pela soltura do diabo e sua destruição derradeira (v. 7-10) e o juízo final do grande trono branco (v. 11-15). O capítulo indica a mudança do tema da guerra para o aprisionamento e exílio do diabo e a eliminação final dos pecadores e do pecado.

### 3. Contexto Histórico

O primeiro verso do livro diz que é a “revelação de Jesus Cristo” (Ap 1:1, ARA). Com isso, Stefanovic (2002, p. 53-54) explica que a palavra “revelação” vem do grego “*apokalupsis*” (o Apocalipse), cujo significado é “um retirar do véu” ou “uma descoberta”. O termo denota “a revelação de algo que antes estava oculto, escondido ou secreto” (STEFANOVIC, 2002, p. 53, 54). No NT, é usado exclusivamente com referência à revelação divina (cf. Lc 2:32; Rm 16:25; Ef 3:5), especificamente a mensagem do evangelho revelado por meio de Cristo (MARCON, 2019).

Maxwell (2002, p. 69) declara que na “expressão: *Apokalypsis Iêsou Christou* (‘Αποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ’ = revelação de Jesus Cristo) aparecem três substantivos”. Os substantivos nominais “Jesus Cristo” estão no caso genitivo, o que, para Scholz (2014), é um dos pontos em que o grego se mostra ambíguo, pois dá a ideia de posse ou origem. Com isso, o Apocalipse é a revelação da pessoa de Jesus e do Seu evangelho da salvação e que culmina com a ação escatológica divina de julgamento final, com a separação dos bons e dos maus e a recompensa a cada grupo (MARCON, 2019). A revelação pode ter origem em Jesus Cristo, ou seja, Ele revela os eventos que devem acontecer (Ap 1:1), ou pode ser a sua autorrevelação, pontuando os eventos para conhecer a Seu respeito.

### 3.1. Autoria, Local e Data

Se o Apocalipse é uma revelação de Jesus Cristo, sua autoria é dita ser de alguém que conheceu Jesus pessoalmente, neste caso o apóstolo João (Ap 1:1, 4, 9; 22.8). O João do Apocalipse era alguém muito conhecido dos irmãos (Ap 1:9). Para a maioria dos Pais da Igreja que mencionam o Apocalipse, o autor é o apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago (TAYLOR, 2006; CARSON; MOO; MORRIS, 2017). Os temas contidos no livro pertencem ao campo dos demais escritos joaninos (POHL, 2001). Com o advento da Alta Crítica (século XVII), a autoria do Apocalipse também sofreu questionamento, como os demais livros das Escrituras (NICHOL, 2013). Respostas a tais dúvidas podem ser encontradas em Taylor (2006), Nichol (2013) e Carson (2017).

Quanto ao local da origem da escrita do livro, o próprio Apocalipse (1:4) indica a província romana da Ásia. A região representava o centro cultural do mundo, exercendo grande influência sobre o Império Romano (POHL, 2001). Já quanto ao tempo, os especialistas conservadores são unânimes em datar o livro de Apocalipse como sendo em torno de 95 d.C. Para Carson, Moo e Morris (2017), o Apocalipse apresenta sinais de adoração ao imperador Domiciano na Ásia. Allen (1987) expõe que devido a essa exigência não ser a prática dos cristãos, o imperador estabeleceu uma feroz perseguição contra eles.

### 3.2. Situação Histórica e Propósito do Livro

Segundo Wiersbe (2006), João, o último dos apóstolos, tornou-se líder respeitado na igreja de Éfeso. Em concordância, Maxwell (2002) complementa que, a partir de 95 d.C., a loucura de Domiciano avançou para mais longe, alcançando o último apóstolo de Jesus, na cidade de Éfeso. Maxwell (2002) lembra que o escritor cristão Tertuliano mencionou que João foi prisioneiro, considerado como ameaça ao império e depois foi mergulhado em óleo fervente. Mas, como escapou do infortúnio, foi remetido à ilha-exílio de Patmos (Ap 1:9-10).

Allen (1987) escreve que após o imperador Domiciano ter deixado o poder, ele foi substituído pelo imperador Nerva, no ano de 96. Essa mudança de governo trouxe alívio para os cristãos perseguidos e exilados. Para Maxwell (2002), crê-se que João tenha sido incluído na anistia do imperador Nerva. Segundo Taylor (2006), esse decreto atestava que aqueles que haviam sido expulsos injustamente deveriam retornar aos seus lares e ter os seus bens restaurados. Complementa ele ao dizer que João retornou para Éfeso e ali concluiu a redação do Apocalipse.

Com um cenário de perseguição contra os cristãos por Domiciano, “companheiros” de João passavam por “tribulação” (Ap. 1:9) não somente externa, mas também interna. Era um tempo de grande crise para as comunidades cristãs, pois: 1) tinham perdido o seu primeiro amor por Deus; 2) havia tolerância ao erro doutrinário; 3) havia apostasia doutrinária, idolatria e impureza sexual; 4) frieza espiritual negando o testemunho cristão; 5) rejeição social aos cristãos por parte dos gentios; 6) mundanismo (Ap 2-3); 7) o cristianismo havia chegado à segunda geração de cristãos, os quais não tiveram conhecimento de Jesus Cristo nem dos apóstolos (NICHOL, 2013); 8) a segunda vinda de Cristo estava demorando, e isso levou alguns cristãos a desistir da fé (Ap 21:7; 22:15). Com a perseguição e o martírio de inúmeros cristãos, dúvidas vieram aos crentes: Quem vindicaria os perseguidos por causa da “palavra de Deus e do testemunho de Jesus”? (Ap 1:9). Os salvos teriam sua recompensa? Os ímpios seriam destruídos? (Ap 6:10; 11:18; 12:11; 15:3-4; 19:2-3).

Dentro desse contexto histórico é necessário expor a intenção maior do autor ao escrever o Apocalipse. João vê não somente a crise no seu tempo, mas também que, no futuro, a igreja passaria por outras crises externas e internas e, finalmente, a maior e derradeira de todas as crises (Ap 1:1; 13; 16-17; 19). O livro vem como uma “revelação” confortadora das boas-novas sobre quem é Jesus e o que Ele fará em favor do Seu povo de todos os tempos, até o Seu retorno (Ap 1:1, 7-8). O Apocalipse é uma mensagem de esperança para os sofredores filhos de Deus.

Em seu contexto específico, a perícopes de Apocalipse 19:11-21 também faz parte da mensagem confortadora àqueles que estão em grande “tribulação” (Ap 1:9). As cenas descritas ocorrerão nos tempos escatológicos em que se verá a justiça de Cristo respondendo aos clamores dos aflitos. Ela se encontra na segunda parte do capítulo, em uma cena majestosa do Cavaleiro “Fiel e Verdadeiro” trazendo juízo. Para Taylor (2006), o capítulo 19 do Apocalipse apresenta a batalha do Armagedom, sendo a primeira parte as visões do céu, seguida da batalha. Pfeiffer e Harrison (1999, p. 62) descrevem que “esse parágrafo sempre me pareceu esmagadoramente glorioso demais para uma exposição”. Cristo apresenta-Se como vitorioso sobre o inimigo, e todo cristão pode enfrentar esse conflito com a segurança de lutar contra um poder derrotado (Ap 7:14; 12:11).

## 4. Contexto Literário

Dentro de um contexto de crise é que surge a literatura apocalíptica. Para Allen (1987, p. 283), “o Apocalipse é uma carta, um drama, uma profecia e uma revelação, tudo em um pacote”. Esses elementos tornam o Apocalipse um livro relevante para estudo.

### 4.1. Gênero e Formas Literárias

O livro, segundo a maioria dos eruditos, sugere um estilo apocalíptico. Segundo Fee e Stuart (1997, p. 301), “apocalíptica ocupava-se com a salvação e o juízo vindouros. No entanto, a apocalíptica nasceu em meio a perseguições ou em um tempo de grande opressão”. Se esse é o caso, então, pode-se esperar que as consequências desses se concretizarão nos eventos finais da história.

O Apocalipse é compreendido como poesia, e sua composição poética é de teor avançado. LaRondelle (1997, p. 129) diz que “enquanto o Apocalipse é apreciado como uma obra de poesia e é considerado como um poema artisticamente engenhoso, João não compôs o seu livro por amor à arte”. Ainda que o livro de Apocalipse seja considerado uma obra poética, os textos demonstram algumas variações na sua forma literária.

No que se refere especificamente ao texto de Apocalipse 19:11-21, para Ladd (1980), a perícopes que ele denomina como “a vinda de Cristo” é de natureza simbólica e fluída de linguagem apocalíptica. Mas é uma violação da natureza da linguagem apocalíptica espiritualizar essa passagem a ponto de usá-la para escrever os atos e justiça de Deus nos acontecimentos históricos corriqueiros; antes, deve-se enxergar como eventos reais e objetivos da história.

A composição do oráculo está relacionada a uma forma literária simbólica conhecida como processo jurídico. Com esse conceito, Fee e Stuart (1997) relatam que o estilo especial descreve uma ilustração de Jesus como o Cavaleiro com veste mergulhada em sangue, de maneira a fazer o leitor imaginar a cena de juízo que está acontecendo. Assim, Fee e Stuart

(1997, p. 237) dizem que “por ser bem mais regular e estilizada” do que a linguagem falada comum, “a perícopes em questão está baseada em uma prosa-poética”.

Por fim, existem duas principais figuras de linguagem registradas na perícopes que servem para enaltecer a forma de poesia. A primeira é a “prosopografia”, que, para Bullinger (1985), descreve os traços fisionômicos da figura e do porte de uma pessoa. Características que podem auxiliar ao dar vida ao imaginário do leitor.

A segunda figura de linguagem está relacionada a “hipótipos”. Para Bullinger (1985 p.368), “essa figura (do gr. *hypó* [abaixo] + *typóun* [impressão]) consiste na representação visível de um objeto ou de uma ação por meio de palavras. Essas figuras de linguagem têm a intenção de tornar quase que palpável a imagem do Cavaleiro divino apresentado no texto”.

## 4.2. Estruturas Literárias

Tendo em vista o que foi descrito, o livro de Apocalipse apresenta uma estrutura elaborada de forma minuciosa, demonstrando paralelos em diversos formatos, principalmente na repetição da estrutura de sete. Allen (1987) sugere que João enumerou suas visões e acontecimentos em formato de sete. Paulien (2012), em concordância com Allen (1987), acredita que a estrutura do livro está em formato de sete, pois esse formato permanece estritamente relacionado com o seu significado. No entanto, Strand (2012) descreve a estrutura literária do livro de Apocalipse em formato de oito visões proféticas, que se dividem em quatro pares, formando duas seções. A primeira é formada pelos capítulos 1 a 14, e a segunda, dos capítulos 15 a 22.

De maneira mais abrangente e objetiva, Reynolds (2000) relata que o elemento estrutural mais importante é a divisão do livro em duas partes, em que a primeira está focada nos eventos históricos da salvação e a segunda enfatiza principalmente eventos escatológicos. Esse formato demonstra que nenhum verso foi impensado ou irrefletido.

Seguindo o formato de sete, Nunes (2021) clarifica que a metanarrativa no Apocalipse apresenta uma história contada de duas perspectivas, uma acontecendo no céu e outra na Terra. Na perspectiva do céu, Cristo é entronizado, e esses acontecimentos seguem de maneira linear, acompanhando a sequência das festas judaicas. Na perspectiva da Terra, Cristo está no meio de sua igreja metaforicamente. Essa sequência acontece de maneira repetitiva e dentro do contexto histórico, até Apocalipse 14:14, que transfere para um contexto escatológico.

Para a compreensão do livro, segundo LaRondelle (1997, p.137), a estrutura é um paralelismo invertido, na forma de quiasma, conforme abaixo:

Esboço simétrico

A. A igreja militante (caps. 1-3)

B. Cristo começa a guerra (caps. 4:1-8:1)

C. Chamado de trombeta para arrepender-se (caps. 8:2-11:19)

D. Panorama da era cristã (caps. 12-14)

C1. Termina o tempo de prova: juízos retributivos (caps. 15-16)

B1. Cristo termina a guerra (caps. 17-20)

A1. A igreja triunfante (caps. 21-22)

Esse esboço contempla a estrutura do livro de maneira abrangente, porém de forma concisa e resumida. Vê-se aqui que, no item B, Cristo começa com a guerra contra o mal, enquanto no item B1, Cristo termina com essa guerra. Em relação à perícopes em estudo, ela se encontra em B1, em um contexto do término da guerra de Cristo contra Satanás e seus agentes.



## 5. Análise Léxico-Sintática e Temática

Após o contexto histórico e literário trazerem esclarecimento sobre a passagem em estudo, nesta parte do artigo se faz a análise léxico-sintática e estudo de como as palavras relacionadas com a expressão “manto tinto de sangue” e a própria expressão são utilizadas na Bíblia.

### 5.1. Análise Léxico e Sintática

A Tabela 1 traduz o verso em que a expressão em estudo se encontra, contemplando a sua linguagem original, transliteração, função sintática e tradução.

**Tabela 1:** Análise de Apocalipse 19:13

Grego/Transliteração	Análise Sintática do Grego	Tradução
καὶ ( <i>kai</i> )	Conjunção coordenativa de <i>καὶ</i> .	E; também
περιβεβλημένος ( <i>peribēblēmenos</i> )	Nominativo singular masculino do perfeito particípio médio do verbo περιβάλλω, vestir.	[Estando] vestido
ἱμάτιον ( <i>himation</i> )	Nominativo singular neutro do substantivo comum ἱμάτιον, vestimenta.	Vestimenta externa
βεβαμμένον ( <i>bebammenon</i> )	Acusativo singular neutro do perfeito passivo do verbo βάπτω, mergulhar.	Mergulhado, mergulhado em
αἷματι ( <i>haimati</i> )	Dativo singular neutro do substantivo comum αἷμα, sangue.	Sangue
καὶ ( <i>kai</i> )	Conjunção coordenativa de <i>καὶ</i> .	E; também
καλεῖται ( <i>kaleitai</i> )	3ª. pessoa do singular, do indicativo perfeito passivo do verbo καλέω, chamar.	É chamado
τὸ ( <i>to</i> )	Nominativo singular neutro do artigo definido ὁ, ο, α.	O
ὄνομα ( <i>ónoma</i> )	Nominativo singular neutro do substantivo ὄνομα, nome.	Nome
αὐτοῦ ( <i>autou</i> )	3ª pessoa do singular, genitivo do pronome masculino, αὐτός, dele.	Dele
ὁ ( <i>ho</i> )	Nominativo singular neutro do artigo definido ὁ, ο, α.	O
λόγος ( <i>lógos</i> )	Nominativo singular masculino do substantivo λόγος, verbo, palavra.	Verbo, Palavra
τοῦ ( <i>tou</i> )	Genitivo singular masculino do artigo definido ὁ, ο.	Do
θεοῦ ( <i>Theou</i> )	Genitivo singular masculino do substantivo θεός, deus, Deus.	Deus

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Segue-se o texto com a tradução mecânica:

“E vestido com veste mergulhada em sangue e chamado o nome dele o verbo do Deus” (tradução livre).

## 5.2. Estudo do Uso das Palavras “Manto”, “Tinto” e “Sangue” no Apocalipse

Primeiramente, é analisado individualmente o sentido léxico das palavras da expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13. A palavra “manto” é um substantivo que aparece em sete versos, sete vezes, de três formas diferentes no Apocalipse. Os versos são os seguintes: 3:4, 5, 18; 4:4; 16:15; 19:13, 16. No sentido original da palavra “manto”, Danker (2000) descreve como roupas, vestuários ou qualquer vestimenta. Em concordância com os autores Friberg, Friberg e Miller (2005), “manto” também pode ser traduzido como uma vestimenta externa ou vestimenta na altura do joelho, que se usa próximo à pele, ou mesmo um manto, casaco. Geralmente é utilizada como vestimenta literal, mas, por vezes, é empregada de maneira simbólica, o que Champlin (2001) categoriza como pureza de vida e de caráter, santidade e recebimento do corpo imortal.

A palavra “tinto”, no Apocalipse, encontra-se apenas no verso em estudo e é o verbo *βεβαμμένον* (*bebammenon*), “mergulhado, mergulhado em”, a qual foi traduzido por “tinto”. Kittel, Friedrich e Bromley (1985) dizem que há pelo menos três categorias em que a palavra se encaixa. A primeira é literal: “mergulhar”, “afundar”, “afogar-se”, “tomar banho” e “lavar”. A segunda, relacionada a banhos sagrados, e, por último, batismos sacrais do judaísmo e cristianismo.

Buscando o significado primário da palavra “tinto” dentro do verso, Friberg, Friberg e Miller (2005) dizem que o termo tem o sentido de imersão, conforme apresentado em Lucas 16:24, ou, como aparece no texto em estudo, um mergulho em corante (Ap 19:13). Acrescentando as informações desse léxico, Danker e Krug (2009) dizem que as imagens no contexto de Apocalipse 19:13 sugerem que o corante seria uma representação comum na narrativa militar relacionada a baixas.

A palavra *αἷμα* (*haiãma* = sangue) aparece 19 vezes, em 17 versos, de quatro formas no Apocalipse (1:5; 5:9; 6:10, 12; 7:14; 8:7, 8; 11:6; 12:11; 14:20; 16:3, 4, 6; 17:6; 18:24; 19:2, 13). “Sangue” abrange uma maior quantidade de significado, que, na visão de Gingrich (1965), tem o sentido de ser humano, conforme Gálatas 1:16, natureza humana de descendência física, conforme João 1:13, e assassinato ou ação sangrenta, como em Mateus 27:6.

No entanto, segundo Friberg, Friberg e Miller (2005), existem pelo menos cinco situações em que a palavra aparece corriqueiramente: 1) A situação em que a palavra sangue se apresenta exibe o sangue humano, conforme João 19:34. 2) Refere-se à natureza humana e descendência física em Hebreus 2:14, ou sangue de animais sacrificados em Hebreus 9:7. 3) É ideologicamente derramar sangue, ou seja, matar, conforme Apocalipse 16:6, ou fluxo menstrual, hemorragia em Marcos 5:25. 4) Sugere a morte do sacrifício expiatório de Cristo, ou seja, o sangue de Cristo em Romanos 3:25. 5) Por último, na linguagem apocalíptica vermelha do sangue simboliza o desastre, como em Atos 2:19.

Para os autores Kittel, Friedrich e Bromley (1985), no Apocalipse, o sangue pode ser usado para a cor vermelha, indicando, então, terrores escatológicos como guerra, comparando o vinho com o sangue das uvas, e a colheita do vinho como sendo uma imagem escatológica da destruição dos pecadores e do mal. Mas a palavra “sangue” também possui significado físico ou de Cristo, com Seu sangue sacrificial.

Logo, o verbo *bebammenon* (*βεβαμμένον*), no acusativo singular neutro do perfeito passivo do verbo *bapto* (*βάπτω*), mergulhar, interfere no sentido de quem é o sangue a que o texto se refere. O fato de o verbo estar no tempo perfeito passivo, segundo Wallace (2009),

indica que a força do tempo perfeito descreve um evento completo no passado e que tem resultados existentes no tempo presente.

O assunto é bem discutido, e buscam-se os comentários de três opções de compreensão do termo: 1) Caird (1966) diz que a mancha de sangue das vestes representa o sangue dos mártires de Jesus. 2) Aune (1998) apresenta que é o sangue dos inimigos de Cristo. 3) Morris (1987) afirma que o verbo indica que é o sangue do sacrifício expiatório de Jesus.

Reforçando este último pensamento, Pohl (2001, p. 279) declara que “o sentido evidente aqui é que o cavaleiro traz do céu as vestes vermelhas antes que pise o lagar”, sugerindo, possivelmente, que já havia sido feito o julgamento antes de executar a sentença. Essa alegação ganha força devido ao fato de as vestes estarem mergulhadas em sangue e Jesus ainda não ter participado da batalha.

Indo na mesma direção, Maxwell (2002) acredita que o sangue é, de fato, de Jesus, alegando que a “serpente feriu o calcanhar” do Salvador (cf. Gn 3:15). No entanto, as vestes manchadas do Seu próprio sangue testificam que Jesus tem o direito de destruir o destruidor do Seu povo “pisando na cabeça da serpente” em Gênesis 3:15, assim como resgatar o Seu povo através do Seu precioso sangue.

Segundo Osborne (2014, p. 763), “as três opções são plausíveis, mas o contexto é militar”, como já visto no contexto histórico e no contexto literário, com a descrição da estrutura do livro e da perícopes. Quanto à referência de “tinto de sangue” dos mártires, o teólogo declara que isso “também faria sentido, mas não corresponde tão bem ao contexto”. Pode ser uma referência à “verdadeira vitória sobre as forças do mal que Cristo derrotou na cruz; de fato, o argumento mais forte contra a interpretação de que este é o sangue dos inimigos de Cristo é o de que a batalha ainda não ocorreu”. Contra o argumento de que o sangue do manto é de Jesus, Osborne (2014, p. 763) diz que ele “deixa de considerar o aspecto circular das imagens em todo o livro de Apocalipse”, ou seja, “a cronologia é deixada de lado por causa do efeito retórico” do autor do Apocalipse.

Osborne (2014, p. 763) diz que se deve considerar “a imagem do triunfo romano ao longo da presente passagem”. A ordem é: “preparação para a batalha, a batalha propriamente dita, a vitória e depois a procissão triunfal [...] que ocorria frequentemente até um ano após a vitória”. O que indica o contexto é que todas as imagens estão misturadas, “sem dúvida, porque a vitória e o triunfo já estão assegurados”. Também se pode observar que é uma ação garantida pelos verbos nos tempos presente e perfeito ao longo da ação. Conclui-se parcialmente que o texto está indicando uma forma simbólica de baixas para os exércitos inimigos.

Por último, ainda contra o argumento de que o sangue do manto é de Jesus, é necessário ver o paralelismo entre Apocalipse 14:17-20 e 19:11-21. Em Apocalipse 14:17-20, João se utiliza de uma metáfora similar a 19:11-21, sendo claramente vista no contexto de batalha do grande bloco de Apocalipse 11:19-14:20. No capítulo 14:17-20, especificamente o verso 19, o “anjo”, que tem a foice afiada, vindima a terra, e os cachos são lançados no “lagar da cólera de Deus”, enquanto em Apocalipse 19:15 diz que o Cavaleiro pisará o “lagar do vinho do furor da ira de Deus”. No verso 20 é dito que o “lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios”, e em Apocalipse 19:11, 14 e 15, menciona-se “cavalos” e “lagar” em relação à destruição dos inimigos de Deus. Com isso, Apocalipse 14:17-20 apresenta uma cena de juízo destruidor em um contexto de guerra similar a Apocalipse 19:11-16. Ambas as passagens estão em paralelo, e a segunda elucida a primeira. Sendo assim, em Apocalipse 19:13 o Verbo de Deus pisará “o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” enquanto no capítulo 14 o juízo está sendo conduzido pelo anjo, muito característico de João ao retratar Jesus em Apocalipse 1:9. O “manto tinto de sangue”, em

seu contexto de militar e baixas de guerra, indica que o sangue que tinga a veste de Cristo é dos inimigos de Deus.

### 5.3. Uso das Palavras “Manto”, “Tinto” e “Sangue” nos Escritos Joaninos e no Restante das Escrituras

Quando os escritos joaninos são analisados, nota-se que João não usa a expressão “manto tinto de sangue” em outros livros de sua autoria. No entanto, as palavras da expressão em estudo aparecem, individualmente, algumas vezes nos seus livros. “Manto” ocorre 13 vezes, em três formas, nos livros de João. Somente no Evangelho de João aparece em 13:4, 12; 19:2, 5, 23, 24. Na maioria das vezes, o quarto evangelho usa a palavra no sentido literal e sempre em referência às roupas de Jesus. Já o verbo *bebammenon* (βεβαμμένον), traduzido por “tinto”, aparece em dois versos, três vezes, em João 13:26 e 19:13. Nas duas passagens elas se referem a imergir ou mergulhar.

A palavra “sangue”, nos livros de João, aparece ao todo em 26 versos, sob cinco formas e 29 vezes: João 1:13; 6:53-56; 19:34; 1 João 1:7; 5:6, 8. É utilizada de várias maneiras por João, inclusive associada ao nascimento simbólico e ao sangue de Cristo, sendo que esse último contém a ideia do Seu sangue sacrificial com sentido de sangue físico.

Os termos “manto”, “tinto” e “sangue” aparecem nos dois Testamentos: 1) “manto” ocorre em 269 versos, oito formas, 283 vezes; 2) “tinto”, em 21 versos, 13 formas, 22 vezes; 3) “sangue”, em 375 versos, oito formas, 446 vezes, com os significados que já foram comentados anteriormente.

Quanto à expressão “manto tinto de sangue” de Apocalipse 19:13, o primeiro texto semelhante está em Gênesis 49:11, que contém uma metáfora similar que reza assim: “[...] lavarás as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas.” Para Walton, Matthews e Chavalas (2003), a metáfora sugere que o vinho (fatura/prosperidade) será tão abundante que as pessoas poderão lavar ou mergulhar as suas roupas no “sangue” das uvas. Assim, essa metáfora, apesar de utilizar as mesmas palavras, transmite o sentido de prosperidade para Israel.

Quando se investiga a expressão “manto tinto de sangue” no restante da Bíblia, nota-se um eco de Isaías 63:3. Allen (1987) retrata que o quadro que João vê é um reflexo de Isaías 63:3, em que Deus agora é o Guerreiro que luta contra o “Edom” escatológico. Indo nessa mesma direção, ao relatar o eco que acontece em Isaías, Prince (1993 p. 198) diz que “essa figura é inteiramente apocalíptica, e, como tal, influenciou Apocalipse 19:11-16, em que é descrito o julgamento geral das multidões de ímpios”. Compreende-se que o clímax na narrativa é a vitória final do povo de Deus. O texto do profeta messiânico diz o seguinte:

Quem é este que vem de Edom, de Bozra, com vestes de vivas cores, que é glorioso em Sua vestidura, que marcha na plenitude da Sua força? Sou Eu que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelho o traje, e as Tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar? O lagar, Eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na Minha ira; no Meu furor, as esmaguei, e o seu sangue Me salpicou as vestes e Me manchou o traje todo. Porque o dia da vingança Me estava no coração, e o ano dos Meus redimidos é chegado. Olhei, e não havia quem Me ajudasse, e admirei-Me de não haver quem Me sustivesse; pelo que o Meu próprio braço Me trouxe a salvação, e o Meu furor Me susteve. Na Minha ira, pisei os povos, no Meu furor, embriaguei-os, derramando por terra o seu sangue (ARA).

O uso que Isaías 63:1-6 faz do substantivo *edôm* (Edom) com o adjetivo *edmônî* (vermelho) do sangue traz em mente uma metáfora agrícola tirada da cultura bíblica, que mostra a destruição dos inimigos do povo do Senhor. Como visto por Walton, Matthews e Chavalas (2018, p. 1004), a região de Edom pode justificar tal descrição da batalha por ser ele um inimigo do povo de Deus, mas pode também estar relacionado ao fato de que “Edom era conhecido por seus excelentes vinhedos nas encostas das montanhas”.

A descrição de uma colheita de uvas maduras que são lançadas no lagar para serem pisadas faz referência ao fato de que o local para amassar as uvas era uma ferramenta de trabalho muito comum na agricultura judaica. Isso é comprovado por serem eles frequentemente encontrados na Palestina. Walton (2018, p. 655) diz que “geralmente eram buracos quadrados ou redondos, cortados na rocha ou cavados no chão, e selados com gesso ou revestidos de pedras. As uvas eram colocadas no buraco e depois pisadas” para se extrair o seu suco.

O fato de Deus ir a Edom, onde estão os “vermelhos” (os edomitas) e há uvas em suas encostas, indica um povo em rebelião contra Deus (PFEIFFER HARRISON, 1983). O pisar de Deus no lagar do juízo representa a destruição dos Seus inimigos, sendo comparado àquilo que os viticultores faziam ao colherem as uvas e depois as lançarem no lagar, pisoteando-as até tingir suas vestes com o vermelho do “sangue” das uvas amassadas. O “sangue” das uvas pisadas, que escorre do local, torna-se uma comparação da destruição dos inimigos de Deus e de Israel. A cena fala que Deus Se vingará dos edomitas e salva Seu povo.

Existe algo relevante na utilização de Isaías 63:1-6 por João em Apocalipse 19:11-21. O motivo é que, por fazer uso do verbo *bebammenon* no acusativo singular neutro do perfeito passivo do verbo *bapto*, mergulhar, o Cavaleiro já está com as vestes mergulhadas em sangue antes da batalha contra os “edomitas escatológicos”. A possível razão seria que o Deus guerreiro, que no passado vindicou Israel, fará o mesmo quando, no fim da história de pecado, o Seu Israel escatológico (igreja) for vítima outra vez das ações cruéis dos seus inimigos (Ap 11:18; 13; 16:12-16; 19:19).

Assim, o uso que Apocalipse 14:17-20 e 19:11-21 faz de Isaías 63:1-6 contrasta a guerra cósmica entre o bem e o mal e os seus resultados. Por um lado, Deus vindica o sangue dos mártires que morreram e vindica os servos vivos, oprimidos e prestes a perecer (Ap 14:1-5; 15:3-4; 16:5-7) pelos agentes de Satanás (Ap 13 e 16: 12-16). Por outro, Deus destrói aqueles que são Seus inimigos. É “no lagar da cólera da ira de Deus” que o Cavaleiro divino mancha as vestes mergulhadas no sangue dos ímpios destruídos em Apocalipse 14:17-20 e 19:11-21. O juízo é o fundamento do trono divino: esses juízos vêm sobre os ímpios e em favor dos justos (SHEA, 2012).

## 6. Teologia

Ao estabelecer o texto e a perícopa da expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13, o tema é a vinda do Cavaleiro com Seu exército para lutar contra a besta e o falso profeta e seus exércitos. Compreendeu-se que o tema está limitado pelo contexto do júbilo no céu pela queda de Babilônia e do início do milênio e juízo final. Evidenciou-se, então, através da estrutura do livro, que o evento da batalha se dará nos momentos finais da história humana, na segunda vinda de Cristo.

Estudando o contexto histórico e literário do livro, compreende-se que João elaborou a redação do livro conduzindo o leitor para as revelações sobre Jesus e sobre eventos futuros de apostasia e perseguição, o que implicaria cada cristão ter uma experiência com o Cristo revelado no Apocalipse. O contexto histórico é de um tempo de crise nos dias da composição do

livro, mas também o Apocalipse informa aos futuros cristãos sobre a última crise semelhante que João contemplou, com uma dimensão bem maior. Diante disso, a revelação de Jesus Cristo traz conforto e esperança para o povo do Senhor ao dizer que Deus triunfará através de Seu Messias, Jesus Cristo.

## 6.1. A Teologia Presente na Expressão “Manto Tinto de Sangue”

A expressão “manto tinto de sangue” aparece somente uma vez no livro de Apocalipse, no capítulo em estudo (Ap 19:13). Ao se analisar léxico-sintaticamente o verso de Apocalipse 19:13, evidenciou-se que a melhor tradução de βεβαμμένον (*bebammenon*), acusativo singular neutro do perfeito passivo do verbo βάπτω (*bapto* = mergulhar ou tinto), é “mergulhada” ou “tingida”, para se referir à ação de Jesus Cristo trazer juízo destrutivo sobre os ímpios. A razão do verbo em tal declinação indica: 1) por ter Cristo derramado Seu sangue na cruz, manchando Suas vestes, Ele tem o direito de salvar os que creem e aniquilar o destruidor ou destruidores de Seu povo; 2) um simbolismo antecipado do triunfo do vencedor sobre os vencidos extraídos das entradas triunfais dos imperadores na cidade de Roma, após suas conquistas; 3) também o verbo deve lembrar permanentemente Seu povo de que o Deus que vindicou e libertou Israel no passado (as vestes já tingidas de sangue) fará o mesmo na grande crise dos eventos finais em relação ao Seu Israel escatológico, a igreja cristã remanescente. Como os perseguidores do passado foram aniquilados por Deus, assim os perseguidores do futuro também o serão.

Existe uma relação da expressão “manto tinto de sangue” com Apocalipse 14:17-20. Contudo, o eco de Apocalipse 14 e 19 é extraído de Isaías 63:1-6. Em Isaías, há a imagem de Deus como um Guerreiro que vindica Seu povo e destrói os inimigos de Israel. Ampliando a compreensão de Apocalipse 19:11-21 (cf. Ap 14:17-20), o Guerreiro divino se assemelha a alguém que havia pisado em uma espécie de prensa de vinho ou lagar. A figura do Guerreiro que vem de Edom aparece como personagem que executa os planos de Deus contra a rebeldia das nações, o que, para Pfeiffer e Harrison (1983, p. 120), “Edom tipifica o mundo rebelde implacavelmente hostil para com o povo de Deus”.

Essa compreensão parte da origem de Edom. Edom é Esaú, irmão de Jacó (Israel), que trocou seu direito da sagrada primogenitura por um prato de caldo vermelho (Gn 25:30). Literalmente, sua descendência ficou conhecida como “os vermelhos” (edomitas). Esaú, diante da perda da primogenitura e da bênção dela para seu irmão, passou a odiar e ameaçou de morte a Jacó (Gn 27:36, 41). Segundo Champlin (2001), os edomitas tinham adotado uma atitude de persistente hostilidade contra Israel. Esse cenário possivelmente mexeu com o imaginário dos leitores e ouvintes contemporâneos que entenderam que o Salvador destruiria o povo de Edom escatológico que estavam perseguindo a ponto de matar os cristãos.

A visão de dois povos em conflito entre o bem e o mal foi expresso na resposta de YHWH a Rebeca, quando os gêmeos lutavam no ventre de sua mãe (Gn 25:23-24). Contudo, o texto de Gênesis reflete algo anterior que foi dito à mulher no jardim do Éden por ocasião de Deus proferir uma profecia sobre a descendência da mulher e a descendência da serpente (Gn 3:15). Dentro do grande conflito entre o bem e o mal, haveria duas linhagens, uma da mulher e outra da serpente. A passagem afirma que o descendente da mulher de Gênesis, que está em paralelo com o descendente da mulher de Apocalipse 12:1, 5, pisará com a finalidade de esmagar a cabeça da descendência da serpente, que está em paralelo com Ap 19:11-21, em que Cristo pisa esmagando os ímpios.

É evidente que João envia seus leitores ao diálogo dramatizado entre o profeta e o Salvador que vem de Edom nos primeiros versos de Isaías 63:1-6. O “manto tinto de sangue”, presente em Apocalipse 19:13, retrata que o povo que desdenha de Deus e oprime Seu povo

tem como consequência a sua destruição, a ponto de manchar as roupas do Guerreiro de Deus. Quando o período da Sua paciência se esgota, Davidson (1994, p. 1.579) sugere que “a destruição dos iníquos é assemelhada ao amadurecimento e ao amassar as uvas no lagar”. Tal visão de João possibilita ver a comparação do sangue escorrendo no lagar da ira da cólera de Deus como o suco da uva que escorria do lagar de Isaías 63:3.

Para Beale e Donough (2014, p. 1.391), “em Isaías, o Guerreiro julga por ‘vingança’ e para alcançar a ‘redenção’ de seu povo” “e o mesmo objetivo está implícito em Apocalipse 19”. A figura de YHWH pisando o lagar reaparece agora na pessoa de Jesus Cristo, primeiramente em Apocalipse 14:17-20, sendo ampliada em Apocalipse 19:11-21. Tal metáfora alude ao mesmo princípio e está relacionada com o juízo divino emitido a um povo em extrema rebeldia aos princípios do reino de Deus. Suárez *et al.* (2008, p. 142) comentam que “a metáfora de pisar o lagar, por sua vez, é sempre associada ao juízo no contexto da Bíblia Hebraica”. A ira de Deus de execução dos ímpios é claramente visível nesse oráculo, porém também está associada à redenção do seu povo.

Quando se pensa em escatologia, isso sugere que Deus pisará o lagar, ou seja, a manifestação da ira Dele contra os inimigos do Seu povo. Estes são aqueles que perseguem a igreja, a ponto de quererem destruí-la. Para os ímpios, o dia da vingança encontra-se cada vez mais próximo. Confirmando esse pensamento escatológico, Henry (2010, p. 96) diz que “a vindima se aproxima rapidamente; o dia da vingança, que os pecadores procurem ser reconciliados com o seu justo Juiz (Ap 14:6-7, 12) antes que Ele derrame o Seu poder sobre a terra” (Ap 16-19:3). Para esses acontecimentos, ainda há esperança de escapar de ser pisado no “lagar” da ira de Deus (Ap 14:17-20; 19:11-21).

Para Marcon (2019), da mesma forma que os quatro evangelhos revelam o plano de salvação e santificação em Cristo, o Apocalipse também contém esse evangelho eterno. Por um lado, o evangelho maximiza a graça divina ofertada em Cristo, para que o pecador, atraído pelo Espírito Santo, se arrependa e seja restaurado à imagem do seu Criador. Por outro lado, mesmo que minimize o juízo de destruição daqueles que rejeitam a oferta de salvação em Cristo, os quatro evangelhos e o Apocalipse não omitem as consequências da rebelião contra Deus, o Juiz de vivos e mortos. Eles testificam de que o fim do pecado é a destruição eterna (Jo 3:16-21; Ap 20:11-15).

Assim, sendo o Apocalipse a revelação de Jesus Cristo para a Sua Igreja, Apocalipse 19:11-21 traz a revelação que diz que Jesus é o Conquistador celestial que virá com Seus exércitos para libertar e vindicar os fiéis. Tal libertação e vindicação do povo de Deus trará juízo destruidor sobre os ímpios perseguidores e idólatras que servem à besta, ao falso profeta e ao dragão. Observando a perícopes de Apocalipse 19:11-21:8, o bloco maior e a estrutura do livro, percebe-se que a expressão “manto tinto de sangue” descreve a certeza de que o Deus que agiu no passado em favor do Seu povo novamente irá fazê-lo, ao descrever de maneira vívida o juízo executivo contra os inimigos de Deus e da Sua igreja.

## 7. Considerações Finais e Conclusão

Para os universalistas, a metáfora do “manto tinto de sangue” de Cristo não representa o sangue dos ímpios, mas sim o próprio sangue expiatório de Cristo. Alegam que o Guerreiro não teve contato com os inimigos para destruí-los. O exposto oportuniza a problemática desta pesquisa, que teve como prerrogativa a análise do significado da expressão “manto tinto de sangue” dentro do contexto de Apocalipse 19:13. Assim, o objetivo de analisar o significado da expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13 foi visto dentro do seu contexto.

O pano de fundo do último livro da Bíblia é uma mensagem evangélica como descrita nos quatro evangelhos, em que Cristo é a solução que harmoniza justiça e misericórdia, graça e juízo, bem como o salmista descreve no Salmo 85:10, ao dizer que, “encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram” (ARA). O juízo é o fundamento do trono divino: esses juízos vêm sobre os ímpios e em favor dos justos.

A pesquisa analisou que o verbo βεβαμμένον (*bebammenon*), traduzido por “tinto” ou “mergulhado”, está no acusativo singular neutro do perfeito passivo do verbo βάπτω (*bapto*), mergulhar. Ele interfere no sentido de identificar de quem é o sangue mencionado no texto. O fato de o verbo estar no tempo perfeito passivo indica que a força do tempo perfeito descreve um evento completo no passado e que tem resultados existentes no tempo presente.

A pesquisa trouxe três possibilidades para entender o sentido do “manto tinto de sangue”: 1) O manto foi mergulhado no sangue do sacrifício expiatório de Jesus. Essa ação completamente realizada no passado tem seus efeitos em Jesus ter o direito de salvar e vindicar a todo que Nele crê, como tem o direito de destruir o destruidor do Seu povo, pisando-os como se fossem uvas em um lagar de vinho. 2) O manto está manchado com o sangue dos inimigos de Deus e de Sua igreja e, mesmo que a batalha não tenha ocorrido, garante aos crentes do Senhor que a destruição dos maus é certa e definitiva. Nesse caso, o contexto militar é mais forte que o tempo do verbo. Por esse motivo, o sangue é dos inimigos de Cristo e de Sua igreja, o qual, como Rei do Universo, expressa Seu triunfo antecipado sobre todas as hostes inimigas, declarando a certeza de Sua morte como se fossem uvas esmagadas em um lagar. 3) O manto foi manchado no passado, por ocasião em que Deus vindicou Israel e vingou-Se de Edom, destruindo-o como uvas em um lagar. A menção de Isaías 63 em Apocalipse 19 é a garantia e promessa de esperança de que YHWH certamente trará a destruição de Edom escatológico e libertará Seu Israel, a igreja remanescente.

Em favor das possibilidades 2 e 3, foi demonstrado que: 1) a expressão “manto tinto de sangue” está em um bloco maior na estrutura do Apocalipse, que focaliza a recompensa dos santos e a destruição dos ímpios; 2) a própria períclope de Apocalipse 19:11-21, onde a expressão em estudo está localizada, é um oráculo de juízo executivo que, junto com a estrutura do Apocalipse, se refere a um evento futuro; 3) o texto de Apocalipse 19:11-21 é o desdobramento de Apocalipse 14:17-20, sendo ambos ecos de Isaías 63:1-6.

Tomando ciência da amplitude do pensamento hebreu, merece atenção que o verbo no perfeito passivo, a estrutura do livro e da períclope, o contexto de uma guerra entre o bem e o mal, com a destruição dos ímpios, o paralelismo com Apocalipse 14:17-20 e o eco de Isaías 63:1-6 evidenciam que a compreensão se refere ao sangue dos inimigos de Israel, Edom do passado, e dos inimigos do Israel escatológico (igreja), Edom do futuro. Apocalipse 19:11-16 é uma descrição do julgamento geral das multidões de ímpios, e o clímax na narrativa é a vitória final do povo de Deus. Essas cenas descritas ocorrerão nos tempos escatológicos, em que se verá a justiça de Cristo respondendo aos clamores dos aflitos.

Conclui-se que, nos eventos escatológicos, a expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13 significa o sangue da destruição dos ímpios através do divino Cavaleiro guerreiro, que mata a todos com a espada que sai de Sua boca. Essa imagem é tomada do divino Guerreiro que vem de Edom com as vestes manchadas do sangue dos Seus adversários, em Isaías 63:1-6, e o anjo que ceifa e pisa o lagar, em Apocalipse 14:19:20. Metaforicamente, Jesus mergulhará a Sua veste no sangue dos inimigos de Seu povo. Tal acontecimento se dará no juízo punitivo de Deus, na segunda vinda de Cristo.

Sendo assim, para uma igreja passando por uma crise devido ao contexto de perseguição e martírio, ou para a futura e final crise que se abaterá sobre a igreja remanescente, o Apocalipse traz a certeza de que Deus, em Cristo, vindicará Seu povo pelo fato de que no

passado Deus julgou e condenou os perversos edomitas por seus atos contra o antigo Israel. Essa ação do passado testifica de que Deus é justo e reto em todas as Suas ações, dando oportunidades para que todos cheguem ao conhecimento do evangelho eterno (Ap 14:6-7) e sejam salvos (Ap 5:9-10; 7; 14:1-5). Porém, a misericórdia divina tem um limite, e enquanto os ímpios permanecem não somente em sua declarada rebelião, mas também atentam contra a vida e a continuação dos justos sobre a Terra, o Senhor se levanta como vingador daqueles que Lhe são preciosos.

## Referências

ALAN, B.; ALAN, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M. (eds.). **Novum Testamentum Graece Nestle-Alan**. 28.ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. BibleWorks, v. 10.

ALAND, K.; BLACK, M.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M.; WIKGREN (eds.). **The Greek New Testament**. 4. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

ALLEN, C. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. v. 1.

AUNE, D. E. **Revelation 17-22**. Dallas, TX: Word, 1998. (Word Biblical Commentary, v. 52C).

BEALE, G. K.; DONOUGH, M. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BELL, Rob. **O amor vence**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

**BÍBLIA SAGRADA**: Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: SP: Sociedade bíblica do Brasil, 1993.

**BÍBLIA**: tradução da língua portuguesa moderna. Lisboa, Portugal: Sociedade Bíblica de Portugal, 2005.

**BIBLE KING JAMES VERSION**. Ontario, Canadá: the Online Bible Foundation and Woodside Fellowship of Ontario, 1988-1997. BibleWorks, v. 10.

BULLINGER, E; LACUEVA, F. **Diccionario de figuras de dicción usadas en la Biblia**. Barcelona: Editorial Clie, 1985.

BUSHELL, S.; TAN, M. D.; WEAVER, G. L. (prog.). **BibleWorks**. Norfolk, VA, 1992-2015.

CAIRD, G. B. **A Commentary on the Revelation of St. John the Divine**. Nova York: Harper and Row, 1966.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CHALKE, Steve; MANN, Alan. **The Lost Message of Jesus**. Nova York: Harper Collins, 2004.

CHAMPLIN, N. **O Antigo Testamento interpretado**. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 5.

DALE, Robert William. **The Atonement**. Ravenio Books, 2013. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=c\\_VsDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=R.+W.+DALE+ON+THE+ATONEMENT+&ots=9SvFn2wh7h&sig=CapjctVr3byObGU7p4mx9N](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=c_VsDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=R.+W.+DALE+ON+THE+ATONEMENT+&ots=9SvFn2wh7h&sig=CapjctVr3byObGU7p4mx9N). Acesso em: 28 setembro, 2020.

DANKER, W. F. *et al.* **Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

DANKER, W. F.; KRUG, K. **The Concise Greek-English Lexicon of the New Testament**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

DAVIDSON, F. **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

DOUGLAS, D; TENNEY, C. **Zondervan Illustrated Bible Dictionary**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011.

FEE, G; STUART, D. **Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRIBERG, T; FRIBERG, B; MILLER F. N. **Analytical Lexicon of the Greek New Testament**. Victoria: Trafford, 2005.

GINGRICH, W; DANKER W. F. **Shorter Lexicon of the Greek New Testament**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Antigo Testamento, v. 4: Isaías a Malaquias**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (eds.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: Eerdmans. 1985. v. 1.

LADD, G. E. **Apocalipse: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980.

LARONDELLE, Hans K. **How to Understand the End-Time Prophecies of the Bible**. 5. ed. Miami Beach, FL: First Impressions, 1997.

MARCON, João Luiz. **Estudo sobre a relação entre εὐαγγέλιον e προσκυνέω em Apocalipse 14:6-7 e suas implicações para adoração da comunidade de fé**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019.

- MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- MOLONEY, F. J. The Book of Revelation: Hope in Dark Times. **Religions**, v. 10, n. 4, p. 239, 2019.
- MORRIS, L. **The Book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987.
- NICHOL, F. D. (org.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, v. 5: Mateus-João**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- NUNES, L. G. **Aula de Apocalipse: Estrutura literária inicial do Apocalipse e a metanarrativa do livro**. Ivatuba, PR: Faculdade Adventista Paranaense, 29 set. 2021.
- OSBORNE, G. **Apocalipse: comentário exegético**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.
- PFEIFFER, C. F.; HARRISON, E. F. **Comentário Bíblico Moody, v. 5: Romanos a Apocalipse**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1999.
- PFEIFFER, C. F.; HARRISON, E. F. **Comentário Bíblico Moody, v. 2**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1983.
- POHL, A. **Apocalipse de João**. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2001. (Comentário Esperança).
- PAULIEN, J. Interpretando o simbolismo do Apocalipse, In: HOLBROOK, Frank B. (org.). **Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012.
- PRIGENT, P. **Apocalipse**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- REYNOLDS, E. Ten Keys for Interpreting the Book of Revelation. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 11, n. 1-2, p. 261-276, 2000.
- SCHOLZ, V. **40 anos de Bíblia na Linguagem de Hoje: as grandezas de Deus em nossa própria língua**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.
- SHEA, W. H. **Estudos selecionados em interpretação profética**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012.
- SUÁREZ, A.; GOMES JR., E.; MASOTTI, F.; SOUZA, R.; CONTI JR., R. (orgs.). **A Bíblia em Perspectiva: estudos em teologia bíblica**. Joiville, SC: Clube de Autores, 2008.
- STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002.

STRAND, K. As oito visões básicas. In: HOLBROOK, Frank B. (org.). **Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012.

TAYLOR, R. S. **Comentário Bíblico Beacon, v. 10: Hebreus a Apocalipse**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 2006.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALTON, J; MATTHEWS, V; CHAVALAS, M. **Comentário Bíblico Atos: Antigo Testamento**. Curitiba, PR: Editora Atos, 2003.

WALTON, J; MATTHEWS, V; CHAVALAS, M. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WIERSBE, W. W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006. v. 11